

30

Bandeiras tremulantes sob o céu azul: A poesia cívica de Reinaldo Bressani



Da esq. para a dir.: Paulo Bomfim, a artista plástica Cristiane Carbone e Reinaldo Bressani, em 2014.

Em 29 de agosto de 2025, a poesia cívica paulistana perdeu Reinaldo Bressani. Jornalista, poeta, cronista, compositor sertanejo, consultor imobiliário, desenhista publicitário e oficial de justiça aposentado do TJ-SP, Bressani, nascido em Matão – SP a 4 de junho de 1942, era um incansável apoiador do CEMEL havia muitos anos. Em 2010, fez uma resenha crítica do livro *Justiça Eleitoral – uma retrospectiva*. Na inauguração do Espaço Democrático Poeta Paulo Bomfim, em 2023, deu sua contribuição ao livreto “Poeta Paulo Bomfim, o Poeta de duas Cortes”, versificando Paulo Bomfim, Poeta da História Paulistana. Em 21 de março de 2025, foi um dos homenageados na inauguração da exposição *A Revolução em 32 Quadros e o Pincel Constitucionalista*, para a qual colaborou com os poemas *O Despertar Cívico* e *Trincheira Treze-Listras*.

A partir da coletânea poética *A brisa dos Amores* (2014), pavimentou seu caminho para a Academia Cristã de Letras, em cuja cadeira n. 15 tomou posse, numa sessão solene virtual ocorrida em 26 de agosto de 2020, no auge do impacto pandêmico. Autor de cerca de 150 composições sertanejas, muitas em parceria com Praense, Bressani foi uma das nove pessoas agraciadas na primeira edição do Prêmio Inezita Barroso, da Câmara Municipal de São Paulo, em março de 2025.

Contudo, sua lira cívica o levaria a alcançar uma marca praticamente olímpica. Na melhor tradição iniciada por Olavo Bilac, Reinaldo Bressani, por indicação do CEMEL, passou a exercitar essa verve poética nas cerimônias mensais de hasteamento de bandeiras que acontecem, desde 2007, na área

externa do Palácio Anchieta, sede do Legislativo paulistano, onde foi, desde o início, fraternalmente recebido por Cecília de Arruda, então chefe do cerimonial. Passados mais de 16 anos, Bressani acumulava em torno de 120 obras versando sobre pendões e efemérides, escalando sempre a montanha pedregosa do soneto rimado, ritmado e quase sempre metrificado. Teve a oportunidade de ler publicamente uma a uma, a partir de 2008.

Antecipando-se, no entusiasmo, às comemorações do centenário do poeta Paulo Bomfim, fundador do CEMEL e seu velho amigo, Reinaldo enviara, em 28 de julho de 2025, um poema a fim de compor os festejos projetados para 2026. Um mês depois, porém, seu coração o traiu, interrompendo bruscamente essa expectativa.

Voem versos. Voem rimas. Voem saudades.

Esse grande poeta que já foi daqui, hoje é dali.

Hoje é lembrança que não se apaga. É perenidade!

É ressonância doce, tanto quanto a intensa doçura do jataí.

Esses são os últimos versos do poema de Reinaldo dedicado a Paulo, mas agora também servem para ele mesmo. Doravante, seria consolador imaginar Bressani participando da sessão comemorativa do centenário de Bomfim na Academia Celestial de Letras.

José D’Amico Bauab
Luiz Alexandre Kikuchi Negrão